CENASEMLUTA

hegamos, não sem desafios que nos tiraram o fôlego e o sono, à 2ª edição da MITsp. Procuramos, contudo, dar continuidade ao pensamento curatorial de uma programação centrada em espetáculos e artistas arrojados, comprometidos com a pesquisa cênica, radicais em suas experimentações e posicionamentos, além de antenados com sua época e lugar. Como na edição anterior, estamos trazendo a São Paulo alguns encenadores e companhias relevantes que nunca haviam aqui se apresentado. Nosso intuito, desde o surgimento da mostra, foi justamente reunir nomes significativos da cena mundial – preenchendo, assim, lacunas de suas incompreensíveis ausências nos palcos da cidade – ao lado de outros artistas ainda com menor visibilidade ou reconhecimento em nosso país.

Porém, alguns outros eixos se destacam este ano, a fim de que possam ser olhados e examinados com mais atenção. Primeiramente, o diálogo teatro-cinema, relação não exatamente nova, que já atravessa mais de um século. Confrontamos nesta edição vários espetáculos nos quais o corpo presencial e a imagem audiovisual se interceptam e se redimensionam, em que o documento fílmico se torna corpo, e este, por sua vez, suporte. Diálogo atravessado por tensões e embates, quase sempre bastante profícuos, teatro e cinema aqui se tornam territórios híbridos ou povoados por confluências e dissonâncias, capazes de alterar as percepções do visível e de ampliar os limites de ambas as artes.

Outro eixo importante diz respeito às zonas de conflito bélico que temos acompanhado nos últimos meses – e anos –, sem perspectivas de resolução a curto prazo. Como nos posicionamos diante delas? Ou, ao menos, como refletimos suas contradições e complexidades diante de discursos oficiais que, muitas vezes, se mostram manipuladores ou omissos? Os confrontos Ucrânia-Rússia e Palestina-Israel são exemplos disso, os quais encontrarão reverberações artístico-políticas nesta segunda edição da mostra. Se o teatro talvez não tenha o poder de pôr fim a guerras de escala mundial, quem sabe não consiga, ao menos, criar zonas efêmeras de coabitação, imaginando outras geografias possíveis? Ainda que não ensejemos apaziguamentos nem territórios neutros na geopolítica da cena, uma convivência temporária entre oponentes pode criar outros modos de experimentar – ou de partilhar – o conflito. Não seria essa uma das missões de uma mostra internacional, na qual o teatro – arte tão local – seja capaz de refletir e de reescrever o mundo à sua volta? Por fim, a releitura de obras clássicas configura outro aspecto relevante da atual edição.

A re-visão e desconstrução de peças-ícone da dramaturgia talvez estejam, aqui, menos in-

teressadas em abrir novas leituras e sentidos para essas obras do que em desestabilizar tais textos como forma de olharmos de modo mais agudo para o nosso próprio tempo. Woyzecks, Julias, Treplevs e Irinas se tornam habitantes provisórios de Kiev, Rio de Janeiro ou Berlim, tanto faz. Instaura-se, então, uma cena migratória, deslocamentos no espaço e no tempo, nomadismos do sensível (não seria essa, também, outra razão de ser de um festival?).

Três eixos, três modos de embate, nenhum armistício à vista. A mostra, sem se reduzir apenas a esses eixos, traz um conjunto de espetáculos que procura não cair na armadilha do "genérico da diversidade", capaz de agradar indiferenciadamente a gregos, troianos e brasileiros, nem teme obras difíceis, que exigem um esforço maior por parte dos espectadores. A um festival cabe a tarefa de expandir os limites do conhecido e do confortável, nos expondo a experiências artísticas que, ainda que as refutemos, deixem fissuras e cicatrizes em nossas percepções.

Outro aspecto ainda merece destaque: esta segunda edição da mostra apresentará uma estreia mundial (Canção de Muito Longe), em coprodução realizada pela primeira vez entre a MITsp e o Toneelgroep Amsterdam. O espetáculo acabará de ser gestado em São Paulo, com o acompanhamento de estagiários locais, colocando-nos a todos, curadoria e público, diante de uma obra inédita. Iniciativa arriscada, por certo, porém inspiradora de possíveis parcerias futuras entre a mostra e outros artistas/grupos na realização de suas obras.

Cabe ainda ressaltar que as atividades reflexivas, críticas e pedagógicas não foram pensadas como "paralelas", mas sim como ações de igual peso ao das obras apresentadas. É por esse motivo que convidamos o público não apenas a um mergulho em desconhecidos oceanos estéticos, mas também a uma imersão reflexiva de alta intensidade. Olhares multifocais se atravessam, atravessam as obras e, esperamos, combatem as miopias dos sentidos e da razão anestesiada. A experiência teatral, tanto por seu poder agregador na criação de ágoras temporárias quanto por sua capacidade de mobilização do imaginário e do desejo, é, sem dúvida, um meio potente de fomento à atitude crítica.

A MITsp propõe, nesse sentido, uma luta artística, seja por uma pedagogia do encontro, por um pensamento desestabilizador ou por um teatro sem territórios. Que tenham todos uma mostra sem trégua!

ANTONIO ARAUJO IDEALIZADOR E DIRETOR ARTÍSTICO